

(GT 7. Cultura Popular/Tradicional e Periférica)

**Memórias, movimentos sociais e periferia: Formas de resistência e
(Re)construção identitária**

Ana Luiza Castro da Silva¹

¹ Mestranda em Ciência Política pela UnB, pesquisadora do Observatório das Metrôpoles núcleo Brasília. Email: analucastro10@gmail.com

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Resumo

Neste trabalho, buscaremos estudar um movimento social periférico que visa despertar memórias e (re)construir identidades no espaço urbano. O problema de pesquisa se propõe em contribuir com o debate sobre como as memórias perpetuadas no espaço urbano não só constroem identidades no próprio território, mas também servem de base para o processo de formação dos movimentos sociais daquele espaço. Com relação às estratégias metodológicas, o trabalho é de natureza qualitativa, utilizando revisões bibliográficas consolidadas na área do estudo tratado. Além disso, o estudo de campo também será realizado para pesquisarmos um movimento social específico. Este estudo revela que as memórias não são apenas meios de preservação histórica, mas também estratégias e instrumentos de resistência no contexto urbano, especialmente nas periferias.

Palavras - chaves: periferias; movimentos; memórias; identidades; luta coletiva.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Abstract

In this research, we aim to study a peripheral social movement that aims to awaken memories and (re)construct identities in urban space. The research problem proposes to contribute to the debate on how memories perpetuated in urban space not only construct identities within the local territory but also serve as a foundation for the formation of social movements in that space. Methodologically, the study is qualitative, utilizing comprehensive literature reviews in the area of study addressed. Additionally, fieldwork will be conducted to investigate a specific social movement. This study demonstrates that memories are not merely tools for historical preservation but also serve as strategies and instruments of resistance within the urban context, especially in peripheral areas.

Keywords: peripheries; movements; memories; identities; collective struggle.

Introdução

Existe no espaço urbano a necessidade pelo contato e relações entre as pessoas e com a cidade em que vivem. Essas relações podem, também, ser relacionadas a história daquela região, como a cidade foi construída, quando surgiu, os problemas que enfrentaram, as lutas dos movimentos comunitários pela existência daquela cidade, e todos os fatores que envolvem aspectos relativos ao passado, presente e futuro. Assim, abordaremos uma palavra de suma importância para ser aplicado ao conceito de vida urbana, as “memórias”. Para Rodrigues, entre as variadas características da identidade contemporânea, as memórias são o mecanismo principal para a construção da identidade social e local, pois, a identidade é construída a partir de variados aspectos, mas principalmente devido às experiências históricas em comum daquela cidade ou grupo social (RODRIGUES, 2011, p.1).

Memórias devem ser vistas como patrimônios de cada espaço urbano, contribuindo para impedir que haja um desaparecimento e desprendimento do passado (RODRIGUES, 2011, p. 3). De acordo com Le Goff, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão” (LE GOFF, 2003, p.471, apud, RODRIGUES, 2011, p.3). O passado é uma importante ferramenta para se viver em um determinado espaço, não só para refletir sobre erros e acertos, evitar que problemas ocorram novamente, mas também para conhecer aspectos importantes relacionados ao meio urbano.

Portanto, as cidades usam as memórias não somente como forma de não persistir em erros passados, mas para saber questões relativas à identidade, como por exemplo: como as memórias influem na construção de identidades; como reconstruímos identidades com o passar dos anos; memórias como desencadeadoras de ações coletivas e formadoras de atores sociais; memórias em formato de movimentos; memórias e o seu nexos com identidade e cidade. Ou seja, existe pluralidade acerca das memórias e das suas relações com o espaço físico (ZAMPONI, 2023, p.02). Segundo Zamponi, memória como identidade é um campo

plural que segue sendo reproduzido em processos sociais que envolve uma pluralidade de atores, em que “nenhum dos quais, geralmente, pode controlar completamente os resultados do processo, e cada um dos quais deve lidar com o material cultural existente” (ZAMPONI, 2023, p. 02).

As memórias devem ser relacionadas a identificação, Rodrigues aponta esse fator em relação a “identificação humana” (RODRIGUES, 2011), o que é de suma importância para o debate, mas acrescentamos aqui a identificação urbana, essa que é tão importante quanto a identificação humana para estabelecer a conexão entre os aspectos culturais da vida urbana e a identidade coletiva.

O presente trabalho se baseia na ideia da Della Porta em que a construção ou reprodução de identidades é um fator importante dos processos pelos quais os indivíduos dão sentido às suas próprias “experiências e às suas transformações ao longo do tempo” (DELLA PORTA, 1998, p.92). Assim, quando analisamos as palavras “transformações” e “tempo” nos deparamos com as memórias e buscamos entender qual a relação com a construção da identidade. Ora, memória coletiva é uma parte da identidade coletiva, ela faz parte da totalidade do conjunto que se refere ao passado e que passa a desenvolver uma identidade multinível baseada em diversas práticas mnemônicas (ZAMPONI, 2023, p.01).

São palavras diferentes, com conceitos diferentes, mas que se complementam e pertencem uma à outra. Se identidade coletiva é baseada na conexão com a comunidade e se expressa nos materiais culturais encontrados como: nomes, narrativas, símbolos, estilos verbais, rituais, roupas e etc (POLETTA & JASPER, 2001, p.285) e as memórias são ligadas ao fator de identificação humana, sendo a marca ou sinal da cultura presente (RODRIGUES, 2011, p.01), o que as impede de interagir uma com a outra? São conectadas, pois ambas são ligadas ao processo cultural e social da vida humana e urbana.

Veremos a seguir a relação que se estabelece entre as memórias e a construção da identidade coletiva, e em como isso acaba por gerar movimentos sociais compostos por ativistas dotados de repertórios de memórias.

Movimentos sociais, identidades e cidades

Nos movimentos sociais os repertórios desempenham um papel fundamental para a construção das ações. Alonso (2012) define estes como instrumentos de ação que vão se renovando aos poucos, e Tilly (1995) os identifica como processos de mudanças lentas associadas às grandes transformações, especialmente o tema tratado neste trabalho, a urbanização. A autora, ao citar Tilly, define os repertórios como um conhecimento social, podendo ser vinculado a entendimentos, memórias, acordos compartilhados, relações sociais, significados e ação misturada a padrões conhecidos e recorrentes (TILLY, 1995, p. 30, 27, apud, ALONSO, 2012, p.25).

As memórias podem ser usadas como forma de protesto, manifestação, comemorações (FRIDMAN, 2022), construção de identidades ou até mesmo como forma de manter as lembranças vividas, enfim, tornam-se objetos de conflito e luta. A construção de identidades coletivas, por exemplo, pode partir das memórias que cercam uma cidade, bairro ou rua, em que as pessoas se baseiam em memórias afetivas, relatos antigos e ideias em conjunto. Para Jasper e Poletta, essas identidades coletivas já estão “embutidas em estratégias, táticas, reivindicações, formas organizacionais e estilos deliberativos, e influenciam como tais opções podem ser usadas” (POLLETA & JASPER, 2001, p.295). Assim, a memória passa a ser utilizada como estratégia dos movimentos sociais, espaços de luta política, ativismo e esperança (FRIDMAN, 2022, p. 19). É através dessa esperança, que movimentos sociais em prol de causas variadas vão surgindo. Fridman cita o autor Rigney ao abordar que através da esperança, ao informar a ação cívica e motivar a luta por uma vida melhor “ajuda a ressignificar a violência histórica como uma luta por uma causa e não como uma questão de vitimização; como uma questão de engajamento cívico e não de paranoia” (RIGNEY, 2018, p.371, apud, FRIDMAN, 2022, p.20).

Destarte, entramos nos aspectos relativos à construção da identidade através das memórias, essa questão é importante para compreender como elas são utilizadas, não só dentro dos movimentos sociais, mas dentro da cidade. Segundo Zamponi, as memórias coletivas que alcançam uma posição de potência no espaço, são capazes de desempenhar um papel importante na estruturação do ambiente simbólico em que a ação coletiva acontece (ZAMPONI, 2023, p.03).

No que tange a construção da identidade, seja no espaço urbano ou dentro dos movimentos sociais, Melucci aborda que, para além da cultura anterior, a identidade precisa estabelecer relações com o passado, em busca de “reter algo enquanto muda, manter raízes, de reconstruir nossa história sem a qual não há possibilidade de progresso” (MELUCCI, 2009, pp. 85-86).

A relação da memória com a história está na preservação e retenção do tempo, dando suporte para a construção do saber histórico. Portanto, o ser humano pode buscar subsídios na história para encontrar sua identidade, seu grupo social, sua maneira de viver, sobreviver e morrer. A memória é um fenômeno construído. Ela grava, recalca, exclui e relembra, serve como instrumento para que estudiosos tentem, numa época com ideais e atitudes efêmeras, resgatar o passado e a história (RODRIGUES, 2011, p.3).

Para Melucci, a identidade possui um paradoxo, esse que consiste no fato de que para a diferença ser afirmada e vivida é necessário certa igualdade e níveis de reciprocidade, segundo o autor, a identidade refere-se a três características: a continuidade de um sujeito para além das variações no tempo e suas adaptações ao ambiente, a delimitação deste assunto em relação a outros e a capacidade de reconhecer e ser reconhecido (MELUCCI, 2009, pp.74-71). No entanto, há na luta coletiva questões mais emocionais que partem da pergunta “Por que pessoas se juntam em ações coletivas em prol de determinadas causas?” Ou então faremos uma pergunta que Poletta e Jasper fazem no texto *Collective Identity and Social Movements*, “Quais são as outras ferramentas e matérias-primas do trabalho identitário? Quão importante é o lugar?” (POLETTA & JASPER, 2001, p.299).

A resposta para as duas perguntas pode ser: memórias. A construção da identidade dentro das periferias, por exemplo, é em grande parte regida pelas memórias, assim como os motivos por trás das construções dos movimentos sociais. Rodrigues aborda que a memória dos vencidos é pouco explorada, denominada de memórias marginais, escondida pelas memórias dos vencedores (RODRIGUES, 2011). A autora vai dizer que, tendo como base a ideia de que a diversidade cultural é a formadora das memórias e que a identidade local é o que constrói patrimônios históricos “a memória marginal deve ser mais explorada para que uma boa parte da história não desapareça” assim ela trata a noção de patrimônio como dimensões

múltiplas da cultura, baseado em acontecimentos e fatores que devem ser preservadas pois são “coletivamente significativas em sua diversidade” (RODRIGUES, 2011, p.03).

As identidades construídas no espaço urbano são capazes de gerar movimentos sociais, ainda que essas identidades criadas dentro dos movimentos não sejam necessariamente idênticas à identidade urbana. Para Poletta e Jasper (2009), as identidades precisam ser reimaginadas pelos ativistas do movimento, pois, apesar de pertencerem ao mesmo meio urbano, cada movimento tem sua própria identidade. Essa dinâmica ocorre devido às distintas características de cada movimento social. Segundo Zamponi, um movimento pode adotar símbolos antigos, tradicionalmente distantes de sua identidade atual, e carregá-los de novos significados, assim como episódios do passado podem se tornar parte de uma nova narrativa (ZAMPONI, 2023, p.3). Portanto, a identidade formada na comunidade não é descartada, pois ela desempenha um importante papel ao acelerar o processo de construção das ideias, estratégias e temas que vão dar os objetivos e metas daquele movimento. Poletta e Jasper abordam que a proposta consiste em redefinir as velhas identidades e criar novas (2009, p.299).

Um exemplo, a periferia de São Sebastião, localizada no Distrito Federal, é composta por mais de 18 entidades sociais, cada uma voltada para um tema específico, temas que foram retirados da mesma comunidade. A ausência da cultura como política pública, por exemplo, desencadeou nos moradores a necessidade de criar movimentos sociais que focassem na questão cultural da cidade. Assim como os aspectos geográficos da região, formados por uma mistura entre urbano e rural, gerou hortas comunitárias, tanto no meio urbano quanto nas zonas rurais. A ausência de algo ou alguém também desperta memórias, e essas memórias sobre o que a ausência causa, despertam lutas coletivas. Os exemplos citados são aspectos que condizem com a identidade do espaço físico e da comunidade, que ajudou na motivação para a construção dos movimentos sociais.

Zamponi afirma que os ativistas desses movimentos são dotados de repertórios baseados em memórias, inclusive afetas ao passado, permitindo acessar variados repertórios, os chamados “conjuntos de produtos, implícitos e explícitos, formais e informais, simbólicos e materiais que atuam como portadores objetivados

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

do passado" (ZAMPONI, 2018, p.25, apud, ZAMPONI, 2023, p.03). Segundo Paoli, é essa participação nos valores simbólicos de uma cidade, composto pelo sentimento de fazer parte, que são capazes de inventar “novos meios de operar e de se produzir como espaço público, onde possam estar inscritas todas as significações de que é feita uma cidade” (PAOLI, 1992, p.02). É a ressignificação do passado, também, que ajuda na construção coletiva.

A necessidade de se reconstruir um espaço gera no coletivo um sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva. Para Poletta e Jasper, a identidade coletiva é capaz de descrever comunidades imaginadas e concretas que “envolve um ato de percepção e construção, bem como a descoberta de vínculos, interesses e fronteiras preexistentes”, os autores falam que essa identidade é fluida e relacional, e emerge de interações entre variados públicos, podendo ser aliados, opositores, autoridades, meios de comunicações e etc, ou seja, para eles não é algo fixo, é mutável e canalizador (POLETTA & JASPER, 2009, p.298).

A identidade vem carregada de emoções, desejos, cultura, estratégias, memórias e esperança. Para Melucci (2009), é necessário pensar a identidade com um “certo grau” de investimento emocional, pois a identidade coletiva não é algo inteiramente negociável, não é somente sobre custo-benefício, pois mobiliza emoções também. O autor cita que “paixões e sentimentos, amor e ódio, fé e medo fazem parte de um corpo que age coletivamente, particularmente naquelas áreas da vida social menos institucionalizadas, como os movimentos sociais” (MELUCCI, 2009, p.71).

Para compreender a identidade coletiva é necessário ver as emoções como parte do processo de construção, ainda mais quando nos referimos a identidade coletiva de uma cidade. Segundo Goodwin e seus colegas, as emoções podem até mesmo serem evidentes nas atividades contínuas dos movimentos, é possível notar isso na cultura do movimento, ou seja, para os autores quanto mais rica a cultura, sendo composta por rituais, canções, contos, folclóricos, heróis, denúncia de inimigos e etc, maiores serão os prazeres naquele meio (GOODWIN et al, 2009, p. 18). Segundo Tarrow, é necessário observar a cultura como um sistema de significados do qual a população utiliza para lidar com o cotidiano, sendo a cultura “a base da

identidade social e política, o que afeta o modo de as pessoas se programarem e agirem num grande número de questões” (TARROW, 2009, p.09).

O que levaria uma periferia a construir uma horta comunitária se não o **desejo** de integrar no espaço urbano, características de pertencimento? Ou o que levaria a existir um movimento social voltado à cultura, se não a **esperança** de democratizar o acesso à cultura e transformar o espaço visto como uma cidade dormitório, para uma cidade cultural? Não há movimentos sociais periféricos sem uma identidade coletiva preenchida por emoções e afetos, assim como não há espaço urbano democrático sem a possibilidade da construção de laços afetivos entre a comunidade. Para Melucci, entender essa parte emotiva da coletividade como irracional, é absurdo, pois, “não há cognição sem sentimento e não há significado sem emoção” (MELUCCI, 2009, p.71).

É de grande relevância conectar ao processo de identidade, as memórias. Essas não só ajudam o indivíduo a se encontrar no espaço físico e nos movimentos sociais, como também, segundo Polak, é um elemento constituinte do sentimento de identidade, sendo também um fator importante do sentimento de “continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si” (POLAK, 1992, p.204). Para além, as memórias despertam sentimentos, seja ódio, revolta, mágoa, saudosismo ou até mesmo amor, que são capazes de enfrentar paisagens impostas por um Estado que de alguma forma busca apagar o passado.

Quando analisado no contexto de sociedades marcadas por estados oficiais de negação e silenciamento do passado, isso enquadra o trabalho dos ativistas da memória ao reivindicarem espaço para moldar paisagens de memória a partir de baixo. A negação oficial, como definiu Stanley Cohen (2001) em seu estudo das tipologias da negação, não é uma questão pessoal, mas está embutida na fachada ideológica de um Estado (FRIDMAN, 2022, p.21).

Em busca de trazer algo que conecte movimentos sociais, identidades, memórias e vida urbana, foi feito nesta pesquisa um trabalho de campo voltado a exemplificar a relação entre esses conceitos, e em como eles são verdadeiramente empregados no cotidiano.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Um olhar de dentro - São Sebastião e as Memórias Oleiras

O Distrito Federal (DF) possui em sua construção e desenvolvimento uma dinâmica urbana excludente e segregadora, a partir de suas grandes distâncias entre centros urbanos e de sua reprodução social da vida urbana, marcada por tais desigualdades. De acordo com Frederico de Holanda, Brasília aflora uma cidade peculiar, formada por características como: fragmentação, dispersão no território e uma estratificação socioespacial forte (HOLANDA, 2020, p.20). Portanto, a capital é formada por regiões que foram distanciadas do centro de Brasília.

São Sebastião, localizada a 21 km do centro da capital, foi o resultado de um sonho utópico da construção da Brasília justa e igualitária. Desde sua fundação, no ano de 1957, a cidade de São Sebastião tem sido popularmente conhecida por diferentes nomes ao longo dos anos (“Agrovila São Sebastião”, “Cerâmica” e “Papuda”), representando parte significativa da construção socioespacial do Distrito Federal. Em 1956 – ano em que se inicia a construção da capital–, a Agrovila era habitada, em grande parte, por oleiros, pessoas que trabalhavam com areia, tijolos, cerâmicas e olarias, sendo a principal fornecedora de materiais de construção da época.

São Sebastião, desde o começo da sua urbanização foi composta por lutas de movimentos comunitários. A cidade foi resultado da ação coletiva desde a construção de pontes, do recebimento de energia elétrica, até o direito de receber um nome diferente daquele ligado ao presídio da Papuda. Essas ações e várias outras que ajudaram na construção do espaço, foram resultados da ação coletiva em prol do Direito a ter uma cidade. De acordo com Sidney Tarrow, a ação coletiva de confronto é quase sempre “o único recurso que as pessoas comuns têm contra opositores mais bem equipados ou estados poderosos” (TARROW, 2009, p.19).

Figura 1 - Reunião do movimento popular 1988. Josino, ativista do movimento popular da época, discursando em um caminhão. 1989.



Fonte: Arquivo pessoal da família.

A cidade de São Sebastião sempre teve inserido em suas dinâmicas socioespaciais os movimentos sociais. A construção da cidade, da identidade urbana, ou como diz Polak (1992) a reconstrução do si, foram criadas a partir das negações do Estado em relação ao espaço, das lutas geradas pelo coletivo e das memórias que não os deixam esquecer do que foi necessário para a transformação do sonho a cidade real.

Para Fridman (2022), os ativistas da memória desafiam a memória hegemônica e patrocinada pelo Estado, assim como as interpretações do passado, essas que podem ser impostas. Para o autor, “muitas vezes engajado no que é concebido como uma luta contra o esquecimento, o silêncio e a negação, esses ativistas insistem em lembrar os outros sobre o passado, para não repetir” (FRIDMAN, 2022, p.25). Ou seja, para muitos, São Sebastião é só mais uma periferia que surgiu como consequência, mas, para os moradores, a cidade possui um patrimônio histórico grandioso, importantíssimo, basta olhar para os tijolos que ergueram a capital.

Observe que as memórias não devem só estar relacionadas a erros que não devem ser cometidos novamente, mas, de fato, consegue construir identidades através da noção do conhecimento histórico sobre o espaço urbano a qual a pessoa está vinculada. Della Porta expõe que alguns estudos sobre memórias coletivas mostraram

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

que os atores buscam se reapropriar das experiências sociais e históricas, transformando-as e reapropriando-as criativamente, forjando novas estruturas, como mitos e instituições (DELLA PORTA, 1998, p. 108). A atividade da memória desperta emoções, reapropria o cenário, gera conflitos, amplia debates e constrói movimentos, como veremos a seguir.

Segundo Zamponi, a relação entre memória e movimentos vem sendo explorada de três maneiras:

Memórias de movimentos, com foco em como movimentos passados são lembrados na sociedade; movimentos sobre memórias, analisando movimentos que se centram na formação da memória de um determinado evento, explorando como se mobilizam em torno da reinterpretação do passado e como participam da construção da memória pública sobre contendas passadas e outros eventos históricos; e memórias em movimentos, estudando como as memórias de vários passados afetam como os movimentos se mobilizam, moldando, por exemplo, processos de recrutamento, construção de identidade ou decisões estratégicas (DAPHI E ZAMPONI, 2019, pp. 402–403, apud, ZAMPONI, 2023, p.03).

O Memórias Oleiras foi criado por um movimento da cidade, o Movimento Cultural Supernova, com o intuito de mostrar as identidades presentes, formar as identidades futuras e estabelecer laços no espaço urbano. Seguindo a análise de Daphi e Zamponi, o Memórias Oleiras é um movimento sobre memórias, baseado na mobilização em torno da reinterpretação do passado, assim como também é um memórias em movimentos (ZAMPONI, 2023, p.03).

Os objetivos do Memórias Oleiras se baseiam em buscar o resgate da história e valorizar e registrar a história cultural de São Sebastião. As pesquisas são feitas através de métodos como: entrevistas com moradores, acervos da cidade, testemunhos filmados, histórias de vida, depoimentos, análise de diários, álbuns de família e etc. Todos esses materiais são utilizados como forma de recompor o “universo do patrimônio imaterial que contribua para resgatar a história cultural da nossa cidade” (MEMORIAS OLEIRAS).

A forma de mobilização desses atores se baseia em utilizar a tecnologia, incluindo redes sociais e mídias audiovisuais, para o compartilhamento das informações que os ativistas produzem. Ademais, as informações compartilhadas nas redes sociais são baseadas em identificação, digitalização, comunicação, fotografias,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

documentos do arquivo público, documentos dos moradores da cidade e resgate da memória da cultura local. Além disso, existe uma colaboração significativa com os movimentos sociais da cidade, em especial com o movimento cultural Supernova, reconhecido como um dos principais movimentos da região. Essa parceria com outros movimentos locais também representa uma forma de mobilização que tem ampliado a capacidade do Memórias Oleiras no quesito impacto e alcance na comunidade.

Não há um museu, ou um espaço físico concreto para expor essas pesquisas. No entanto, o ativismo da memória passou a ser integrado nas plataformas digitais. Como cita Fridman, essa forma de ativismo passou a se tornar mais visível online e como uma forma de ativismo nas plataformas de mídia social, tornando-se sites metodológicos para pesquisa de campo e estudos de contestações de memória (FRIDMAN, 2022, p.27). Esse é o caso do Memórias Oleiras, as pesquisas, fotos, entrevistas, relatos, são todos encontrados no site que foi construído pelo movimento Supernova em parceria com o Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

Há uma potencialidade nessas ações coletivas, segundo Stavros Stavrides (2021, pp. 8-9), que busca reorganizar as dinâmicas e mecanismos urbanos dominantes e excludentes por meio do compartilhamento de espaços físicos na cidade e de conhecimentos. O Memórias Oleiras não somente usa os espaços físicos como meio de interação, mas também como meio de descobrimento. Existem espaços na cidade que não são valorizados ou tratados com a devida importância, e a partir do momento em que não se toma conhecimento dessas áreas, e não se usa o espaço público como espaço público, ele passa a ser visto pelo Estado, mas não como deveria ser.

Existe, então, nos movimentos sociais da periferia, um objetivo em comum seguido por estratégias compartilhadas: a apropriação dos espaços públicos como forma de luta contra o Estado e contra a privatização dos espaços. Uma forma de exemplificar esse debate, é o mais novo empreendimento habitacional do GDF, que está sendo construído dentro da cidade de São Sebastião e apesar de não ter sido finalizado ainda o projeto já conseguiu trazer consequências para a cidade, se apropriando de espaços importantes.

A construção do empreendimento é em uma área em que estava localizada uma das mais importantes Olarias da região, a Cerâmica Nacional, uma das principais

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

fábricas utilizada para a construção de tijolos que ergueram a capital. Apesar da Olaria ter parado de funcionar, a sua estrutura era usada por movimentos sociais, encontros culturais, e até mesmo cenário para a gravação de clipes de bandas de Brasília. Ainda que o espaço estivesse sendo utilizado como espaço de cultura e lazer, no dia 12 de março de 2022, a Cerâmica Nacional foi demolida para dar lugar ao novo empreendimento habitacional para a classe média. Sem diálogo com a população, um monumento que deveria ser tombado como patrimônio da cidade, foi ao chão, levando sentimentos e lutas².

É essa fronteira entre o dizível e o não dizível que separa a existência de uma memória coletiva organizada de uma sociedade majoritária, ou de um Estado que deseja se impor de uma outra ‘memória coletiva subterrânea’ da sociedade civil dominada ou de grupos específicos. Essa fronteira e sua manipulação mostram o presente e encobrem o passado (POLLAK apud FÉLIX, 1998, p. 48 apud RODRIGUES, 2011, p.02).

Com base nas considerações apresentadas, surge a indagação: o movimento é eficaz? Atinge os objetivos? Conclui-se que os resultados não se limitam apenas à disseminação do conhecimento, ou a valorização e reconhecimento da existência de um patrimônio histórico e cultural da região, mas também se manifestam na presença da memória como estratégia de luta. O exemplo do empreendimento do GDF é uma ótima resposta para essas perguntas, o espaço físico da Cerâmica Nacional foi demolido, e podemos dizer que há uma tentativa de apagamento do social, mas, como consequência do movimento Memórias Oleiras, há, ainda, memórias. Segundo Zamponi, a memória é um resultado de protesto e uma ferramenta que auxilia na construção de novas mobilizações (ZAMPONI, 2023, p.03).

Uma segunda forma de expansão dos repertórios é através do que chamo de resignificação – onde a estratégia original é assumida por outro grupo com objetivos políticos diferentes e inserida num conjunto diferente de legados (ROSSI, 2017, p.62).

Caso derrubem o site do movimento, ficam os ativistas e a conexão formada com os outros movimentos, ou seja, mantém-se a rede de apoio. O movimento pode

² Recomendo o documentário “em pilha de tijolos”, de minha autoria, disponível no YouTube, em que é tratado de forma precisa, a história da Olaria, dos Oleiros, e as consequências do novo empreendimento para a cidade. Disponível em: < <https://youtu.be/97MZO-zZsRY?si=gMdGzrLvrPEfHRuq> >

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

não ser algo revolucionário para o âmbito nacional, mas definitivamente é algo grandioso para o meio local. A memória seguirá sendo usada como estratégia urbana e dos movimentos sociais, como forma de luta e ação coletiva.

Considerações finais

O principal propósito deste trabalho foi buscar relacionar as memórias como construção da identidade do espaço urbano, e também como estratégia dos movimentos sociais para construir a identidade coletiva do movimento. Todo o trabalho foi baseado na ideia de que memórias pertencem à identidade coletiva e ambas estão conectadas. Através da pesquisa, foi possível perceber que essas não são somente um meio para não repetir erros do passado, mas também uma maneira que os movimentos sociais encontraram, em especial o exemplo tratado, como forma de construir identidades e transformar o meio urbano em arenas vibrantes de lutas políticas e ativismo cívico (FRIDMAN, 2022, p.20).

As periferias estão em constante conflito com o Estado, a resistência é sempre um grande motor dessas áreas urbanas. O movimento social construído dentro de São Sebastião, por exemplo, ao plantar memórias nas ruas da cidade, usa como estratégia o conhecimento. Reacionários temem as memórias, e os movimentos sociais lutam contra esses. Ao derrubar a olaria da cidade, o Estado deixa uma mensagem: que existem certas memórias que não os interessam e que devem ser esquecidas. Mas, ao estabelecer as memórias como objetivo, o Memórias Oleiras incentiva a comunidade a conhecer o espaço, ainda que esse esteja em constante ameaça, assim, podemos dizer: é uma estratégia de luta. Além disso, dentro do movimento social, a identidade firmada em seus objetivos se transforma em gás para continuar dando potência às metas e lutas da ação coletiva. Para Iamamoto, a memória pode ser entendida tanto como resultado político dos movimentos sociais quanto como força motriz para o ativismo futuro (IAMAMOTO, 2023, p.213), e ambos fazem parte da cidade.

Referências Bibliográficas

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

ALONSO, Angela. **Repertório, segundo Charles Tilly: História de um Conceito.** Sociologia & Antropologia, v. 02, n. 03, p. 21–41, 2012

DELLA PORTA, Donatella; DIANO, Mario, “**Collective Action and Identity**”, IN Social Movements: An Introduction, Oxford, Blackwell, 89-113. 1^oed 1998.

FRIDMAN, Orli. **memory Activism and Digital Practices after Conflict.** HERITAGE AND MEMORY STUDIES. University of Amsterdam, The Netherlands. 2022.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca. Introduction: Why Emotions Matter. In: GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca (Orgs.). **Passionate politics: Emotions and social movements.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

História Memórias Oleiras. 2010. Disponível em <
<http://memoriasoleiras.com.br/historia/>>

HOLANDA, F. (2020). **Inclusão e exclusão em Brasília.** urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.12, e20190306. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190306>

IAMAMOTO, Sue. **The Impact of Memories of the Dictatorship on young activist in Brazil.** In: The consequences of Brazilian social movements in historical perspective. 2023.

MELUCCI, Alberto. 1996. “**The Process of Collective Identity**”. **Challenging Codes: Collective Action in the Information Age.** Cambridge University Press, 68-86

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado.** In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200- 212. Disponível em:

POLLETTA, Francesca; JASPER, James 2001. “**Collective Identity and Social Movements.**” Annual Review of Sociology 27:283-305

RODRIGUES, Giseli Giovanella; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **A importância da Memória para uma cidade.** Revista Destaques Acadêmicos, [S. l.], v. 2, n. 2, 2011. Disponível em:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

<https://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/61>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ROSSI, Federico M. **“Beyond Repertoires of Contention: Conceptualizing Strategy Making in Social Movements”**, *The Poor’s Struggle for Political Incorporation: The Piquetero Movement in Argentina*. New York:Cambridge University Press, 2017.

STAVRIDES, Stavros. **“Reivindicar a cidade como espaços comuns. Aprendendo com os movimentos de moradia da América Latina”**. Publicado originalmente em *Built Environment*, v. 46, n.1, p. 139-153, 2020.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: Movimentos sociais e confronto político**. 2009.

ZAMPONI, Lorenzo. **Collective Memory and Social Movements**. Scuola Normale Superiore, Italy. 2023.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná